



CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

PIBID – Subprojeto Letras 2014

Bolsistas ID: Ariéli Santana, Evelise Luz, Mariane Munhoz e Mariel Araújo

Professora coordenadora: Zíla Letícia Pereira Rêgo.

Professora supervisora: Miriam Barreto El Uri.

POEMAS DO MODERNISMO BRASILEIRO

1. JUSTIFICATIVA:

2. OBJETIVO GERAL:

- Auxiliar os alunos na criação poética para o dia das mães a partir de poesias do Modernismo Brasileiro.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Levar um panorama geral do Modernismo Brasileiro, realizar a leitura de algumas poesias modernistas das três fases e, a partir das características de algum dos períodos, criar poesias direcionadas às mães para postar no blog da escola e apresentar na festividade de dia das mães.

3. METODOLOGIA:

Apresentação de um breve panorama da poesia modernista brasileira, leitura de algumas poesias/trechos de poesias das três fases do modernismo, explanação sobre cada um dos

períodos e suas características, comentários sobre cada poesia e seu contexto de produção e auxílio na elaboração das poesias dos alunos.

4. CRONOGRAMA:

Datas	Turmas	Assuntos	Materiais e Especificidades
Aula I Dia 15/04	81, 80 e 90	Apresentação do projeto. Início da produção dos poemas	Material de apoio.
Aula II Dia 22/04	81,80 e 90	Conclusão das produções.	Material de apoio.

5. Referencial Bibliográfico

6. Anexos

Material de Apoio

MODERNISMO BRASILEIRO

➤ Primeira fase do Modernismo – Geração de 20

É o período mais radical do movimento modernista, justamente em consequência da necessidade de definições e do rompimento com todas as estruturas do passado.

Ao mesmo tempo em que se procura o moderno, o original e o polêmico, o nacionalismo se manifesta em suas múltiplas facetas: volta às origens, valorização do índio e busca de uma “língua brasileira” (a língua falada pelas ruas), numa tentativa de repensar a história e a literatura do Brasil.

ACEITARÁS O AMOR COMO EU ENCARO?	PRONOMINAIS	CONSOADA
<p>(...) Não exijas mais nada. Não desejo Também mais nada, só te olhar, enquanto A realidade é simples, e isto apenas. (...)</p> <p style="text-align: right;">(Mário de Andrade)</p>	<p>Dê-me um cigarro Diz a gramática Do professor e do aluno E do mulato sabido Mas o bom negro e bom branco Da Nação Brasileira Dizem todos os dias Deixa disso camarada Me dá um cigarro</p> <p style="text-align: right;">(Oswald de Andrade)</p>	<p>Quando a Indesejada das gentes chegar (Não sei se dura ou coroaável), talvez eu tenha medo. Talvez sorria, ou diga: - Alô, iniludível! O meu dia foi bom, pode a noite descer. (A noite com seus sortilégios.) Encontrará lavrado o campo, a casa limpa, A mesa posta, Com cada coisa em seu lugar.</p> <p style="text-align: right;">(Manuel Bandeira)</p>

➤ **Segunda fase do Modernismo – Geração de 30**

A poesia desta segunda fase representa um amadurecimento e um aprofundamento das conquistas da geração anterior. Na temática, se percebe uma nova postura dos escritores, na qual passa a questionar com mais vigor a realidade e a se questionar tanto como indivíduo em sua tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo, como em seu papel de artista. O resultado é uma literatura mais construtiva e mais politizada.

POEMA DE SETE FACES	TU TENS UM MEDO	SONETO DO AMOR MAIOR
<p>Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.</p> <p>As casas espiam os homens que correm atrás de mulheres.</p> <p>A tarde talvez fosse azul, não houvesse tantos desejos.</p> <p>O bonde passa cheio de pernas: pernas brancas pretas amarelas. Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração. Porém meus olhos não perguntam nada.</p>	<p>Tu tens um medo: Acabar. Não vês que acabas todo o dia. Que morres no amor. Na tristeza. Na dúvida.</p> <p>No desejo. Que te renovas todo o dia. No amor. Na tristeza. Na dúvida. No desejo. Que és sempre outro. Que és sempre o mesmo. Que morrerás por idades imensas.</p>	<p>Maior amor nem mais estranho existe Que o meu, que não sossega a coisa amada E quando a sente alegre, fica triste E se a vê descontente, dá risada.</p> <p>E que só fica em paz se lhe resiste O amado coração, e que se agrada Mais da eterna aventura em que persiste Que de uma vida mal-aventurada.</p> <p>Louco amor meu, que quando toca, fere E quando fere vibra, mas prefere ferir a fenecer – e vive a esmo</p>

<p>O homem atrás do bigode é sério, simples e forte. Quase não conversa. Tem poucos, raros amigos o homem atrás dos óculos e do bigode.</p> <p>Meu Deus, por que me abandonaste se sabias que eu não era Deus, se sabias que eu era fraco.</p> <p>Mundo mundo vasto mundo se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria uma solução.</p> <p>Mundo mundo vasto mundo, mais vasto é meu coração.</p> <p>Eu não devia te dizer mas essa lua mas esse conhaque botam a gente comovido como o diabo.</p> <p style="text-align: right;">(Carlos Drummond de Andrade)</p>	<p>Até não teres medo de morrer. E então serás eterno.</p> <p style="text-align: center;">(Cecília Meireles)</p> <hr/> <p style="text-align: center;">BILHETE</p> <p>Se tu me amas, ama-me baixinho Não o grites de cima dos telhados Deixa em paz os passarinhos Deixa em paz a mim! Se me queres, enfim, tem de ser bem devagarinho, Amada, que a vida é breve, e o amor mais breve ainda...</p> <p style="text-align: right;">(Mario Quintana)</p>	<p>Fiel à sua lei de cada instante Desassombrado doido, delirante Numa paixão de tudo e de si mesmo.</p> <p style="text-align: right;">(Vinícius de Moraes)</p> <hr/>
--	--	--

➤ **Terceira fase do Modernismo – Geração de 45**

A partir da Segunda metade da década de 40, a ficção de a poesia apresentam um novo estio, principalmente no que se refere ao tratamento que os escritores dão à linguagem, preocupando-se com o apuro formal.

<p>"O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem."</p> <p>Fragmento do livro "<i>Grandes Sertões Veredas</i>", de</p>	<p>— O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia,</p>	<p>O que eu sinto eu não ajo. O que ajo não penso. O que penso não sinto. Do que sei sou ignorante. Do que sinto não ignoro. Não me entendo e ajo como se entendesse. (...)</p> <hr/> <p>Estou por assim dizer vendo claramente o vazio.</p>
---	--	--

<p>Guimarães Rosa.</p>	<p>por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem fala ora a Vossas Senhorias? Vejam: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba. Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia.</p> <p>Trecho de <i>“Morte e Vida Severina”</i>, de João Cabral de Melo Neto.</p>	<p>E nem entendo aquilo que entendo: pois estou infinitamente maior que eu mesma, e não me alcanço. Além do que: que faço dessa lucidez? Sei também que esta minha lucidez pode-se tornar o inferno humano - já me aconteceu antes.</p> <p>Pois sei que - em termos de nossa diária e permanente acomodação resignada à irreabilidade - essa clareza de realidade é um risco.</p> <p style="text-align: right;">(Clarice Lispector)</p>
-------------------------------	--	--







